

rod
rod
rod
rod
rod

Rita Senra
1 Fev/Feb–22 Mar 2025

Instalação
Recortes e linha de algodão sobre papel encerado com cera
de abelha / Cut-outs and cotton thread on waxed paper with
beeswax
2025

Pedras que parem
414 x 150 cm

Pedras que cegam
380 x 150 cm

Pedras que carregam a história
380 x 150 cm

Pedras que unem
280 x 150 cm

Pedras que ficam para sempre pedras
412 x 150 cm

Pedra que pariu

Sei das pedras parideiras há já muito tempo, mas só agora é que elas atravessaram o meu caminho para me ajudar a gritar alto: Pedra que pariu!

Para lá da simplicidade dos materiais e dos gestos que compõem as peças apresentadas, estão várias camadas de diferentes estados de emoção e consciência. Está ainda a dureza do trabalho que se faz em silêncio, de forma demorada, e que reclama nada mais do que a sua existência por si só – existir para ser contemplado.

Imóveis, rígidas, graníticas e milenares, depois de séculos de trabalho invisível e silencioso, as pedras parideiras também dão à luz.

I've known about the birthing stones for a long time, but only now have they crossed my path to help me shout out loud: Pedra que pariu!

Beyond the simplicity of the materials and gestures that make up the pieces presented are several layers of different states of emotion and consciousness. There is also the harshness of the work that is done in silence, over a long period of time, and which claims nothing more than its bare existence – to exist in order to be contemplated.

Immobile, rigid, granitic, and millenary, after centuries of invisible and silent work, the birthing stones also give birth.

Rita Senra

*We might then think of fragility not so much as the potential to lose something, fragility as loss, but as a quality of relations we acquire, or a quality of the building we build.*¹

Sara Ahmed

Numa casa, onde se armazena o material que sobrou de uma antiga papelaria já encerrada, Rita Senra encontra um conjunto de grandes e bonitos papéis, azul-escuro e turquesa, que leva para o atelier. Durante alguns meses, a artista submete estas folhas a uma série de testes e experiências, que descreve como “uma luta com o papel”, até chegar ao método de fabrico que irá utilizar nas suas peças. Os papéis serão cortados exactamente ao tamanho de uma tina de alumínio, que por sua vez tem o tamanho exacto do fogão elétrico de duas chapas, onde cada pequena folha é individualmente mergulhada em cera de abelha derretida, a uma temperatura previamente testada, e colocada a secar. Depois de secas, as folhas são cosidas, uma a uma, na máquina de costura, com um ponto em ziguezague, que as permite unir, ligeiramente justapostas. O resultado é um conjunto de cinco “lençóis” de papel, de um *patchwork* monocromático, onde se pode ler um poema cujos primeiros versos são *pedras que parem, pedras que falem*. Nas nossas conversas, Senra refere-se a este processo de produção como uma *lógica de trabalho quase fabril*.

A mãe de Senra foi a vida toda trabalhadora do sector têxtil e, no início dos anos 90, começa a trabalhar a partir de casa, à frente de uma máquina onde não era raro fazer jornadas de 12, 14, 16 horas a *fechar meias* para um fabricante. Mais tarde, também em casa, monta uma pequena confecção familiar onde Senra chega a ajudar. A divisão entre tempos de vida e trabalho é ténue. Senra passa os seus primeiros anos a observar a mãe a trabalhar, a brincar – *pedras que brincam* – e a aprender a coser – *pedras que cosem*. “Nós olhamos para o mundo uma vez, na infância. O resto é memória”², como nos diz Louise Glück. O trabalho de Senra, uma homenagem inequívoca à sua mãe, está profundamente marcado pela experiência desses anos. Encontramos a sua presença nos métodos de produção artesanais, que a artista executa passo a passo, nas longas horas de trabalho de atelier, nos gestos precisos feitos *sem pensar*, ou no uso da costura, em que o tecido é substituído pelo papel.

No entanto, se virmos de perto as peças de *pedra que pariu*, as suas bonitas superfícies brilhantes, encontramos uma série de “imperfeições”, que não se coadunam com as exigências de uma produção fabril. A cera que cobre o papel parte, quebra, formando o que parecem ser cicatrizes, de uma pele exposta aos acidentes da vida. A linha, a costura, que permite a união das folhas, fura e sutura, de forma visível. As letras recortadas do poema atravessam, por vezes, as costuras e cortam as linhas. Talvez num gesto de rebeldia, ou de sabotagem, Senra expõe e assume as fragilidades e vulnerabilidades dos materiais, e das condições da relação que estabelece com eles, fazendo-as parte fundamental da força das suas peças.

Para escrever o poema, centenas de palavras/pedras foram recortadas manualmente, subtraídas ao papel e, simultaneamente, nele inscritas, “depositadas”, de novo a fragilidade e a força. No conjunto de versos que formam o poema, e que à primeira vista pode ser confundido com

uma lista, existem *pedras que cuidam, que costumam ou que ensinam*. Mas também pedras que são como desejos ou conjuros, *pedras que nos levem daqui para fora*. Nalguns versos, as pedras, de sujeito passam a objecto, sobre os quais a narradora/artista exerce uma acção, *pedras que carregam, pedras que trinco, pedras que limpo*. A agência de uma pedra e a humana (ora um “nós” abrangente ora o que parece ser a própria narradora/artista), misturam-se, trocam de lugar, fazem-se equivaler. O poema desenha um *continuum*, entre o humano e o geológico – *pedras que somos* – entre o tempo das nossas vidas e um tempo maior que nós, um tempo à escala do próprio planeta. Nos dias que correm, em que por vezes nos falta o chão, essa relação transporta consigo um certo sentido de pertença, diria até de crença, em nós e nessas *pedras que perscrutam o futuro*.

*We might then think of fragility not so much as the potential to lose something, fragility as loss, but as a quality of relations we acquire, or a quality of the building we build.*¹

Sara Ahmed

In a house where material from an old stationery store that has now closed is stored, Rita Senra finds a set of large, beautiful dark blue and turquoise papers that she takes to her studio. Over the course of a few months, the artist subjected these sheets to a series of tests and experiments, which she describes as “a struggle with paper,” until she arrived at the manufacturing method she will use in her pieces. The papers are cut exactly to the size of an aluminum tub, which in turn is the exact size of a two-plate electric stove, where each small sheet is individually dipped in melted beeswax at a pre-tested temperature and left to dry. Once dry, the sheets are sewn together, one by one, on the sewing machine, with a zigzag stitch that allows them to be joined, slightly juxtaposed. The result is a set of five paper “bedsheets,” a monochrome patchwork, where you can read a poem whose first lines are *pedras que parem, pedras que falem* (stones that give birth, stones that speak). In our conversations, Senra refers to this production process as an *almost factory-like work logic*.

Senra’s mother was a textile worker all her life and, at the beginning of the 1990s, she started working from home, in front of a machine where it was not uncommon for her to work 12, 14 or 16-hour days *closing socks* for a manufacturer. Later, also at home, she sets up a small family-run clothing manufacturer where Senra eventually helps out. The division between working and living time is blurred. Senra spends her early years watching her mother work, playing – *stones that play* – and learning to sew – *stones that sew*. “We look at the world once, in childhood.

The rest is memory,”² as Louise Glück says. Senra’s work, an unequivocal tribute to her mother, is deeply marked by the experience of those years. We find her presence in the artisanal production methods, which the artist carries out step by step, in the long hours of studio work, in the precise gestures made without thinking, or in the use of sewing, where fabric is replaced by paper.

However, if we take a closer look at the pieces of *pedra que pariu*, their beautiful shiny surfaces, we find a number of “imperfections” that are not compatible with the demands of factory production. The wax that covers the paper breaks, forming what look like the scars of a skin exposed to the accidents of life. The thread, the seam, which allows the sheets to be joined, visibly pierces and stitches. The letters cut out of the poem sometimes cross the seams and cut the lines. Possibly in a gesture of rebellion or sabotage, Senra exposes and assumes the fragility and vulnerability of the materials, and of the conditions of the relationship she establishes with them, turning them into a fundamental part of the strength of her pieces.

To write the poem, hundreds of words/stones were cut out by hand, subtracted from the paper, and simultaneously inscribed and “deposited” on it, again fragility and strength. In the set of verses that compose the poem, which at first glance could be mistaken for a list, there are *pedras que cuidam, que costumam ou que ensinam* (stones that care, that sew or that teach). But also stones that are like

1 “Poderíamos então pensar na fragilidade não tanto como o potencial de perder algo, a fragilidade como perda, mas como uma qualidade das relações que adquirimos, ou uma qualidade da construção que construímos” (do texto “Queer Fragility”, do blog da escritora <https://feministkilljoys.com/2016/04/21/queer-fragility/>).

2 Verso do poema “Nostos” de Louise Glück retirado de <https://revistapiparote.com.br/nostos-louise-gluck/>

wishes or conjures, *pedras que nos levem daqui para fora* (stones that take us out of here). In some verses, the stones turn from subject to object, on which the narrator/artist performs an action: *pedras que carrego*, *pedras que trinco*, *pedras que limpo* (stones that I carry, stones that I bite, stones that I clean). The agency of a stone and that of a human being (sometimes an all-encompassing “we”, sometimes what seems to be the narrator/artist herself), mix, exchange places, become equivalent. The poem sketches a continuum, between the human and the geological – *pedras que somos* (stones that we are) – between the time of our lives and a time that is bigger than us, a time on the scale of the planet itself. In these days, when we sometimes lack the ground, this relationship carries with it a certain sense of belonging, I would even say of belief, in ourselves and in those *pedras que perscrutam o futuro* (stones that scrutinize the future).

Conversa / Artist Talk com/with Rita Senra

Sáb/Sat, 1 Mar 2025, 16:00

Actividade/Workshop com/with Rita Senra

Sáb/Sat, 8 Mar 2025

Participação gratuita / Free participation
Inscrições/Registrations: publicos@sismografo.org
Lotação limitada / Limited capacity

Mais informações em breve / More information soon

RITA SENRA (Barcelos, 1993) vive e trabalha no Porto. É licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas-Artes da UP. A sua prática artística desenvolve-se sobretudo através do desenho e da instalação, privilegiando o papel enquanto matéria-prima. Rita intervém de várias formas sobre diferentes papéis, testando os limites da sua resistência física para que eles persistam; assim, na sua obra, a fragilidade é característica contínua e surge para reclamar a força e a importância do que se aparenta vulnerável. Expõe o seu trabalho desde 2014 em momentos colectivos e individuais. Integra colecções privadas e a Colecção Municipal de Arte do Porto. Desde 2016 que é membro do Sismógrafo.

RITA SENRA (Barcelos, 1993) lives and works in Porto. She has a degree in Fine Arts from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto. Her artistic practice develops mainly through drawing and installation, favoring paper as a raw material. Rita intervenes in various ways over different papers, testing the limits of their physical resistance so that they can endure; thus, in her work, fragility is a constant feature and emerges to reclaim the strength and importance of what appears vulnerable. She has been showing her work since 2014 in collective and individual exhibitions. Her work is part both of private collections and the Porto Municipal Art Collection. She has been a member of Sismógrafo since 2016.

1 Quote from “Queer Fragility,” from the writer’s blog <https://feministkilljoys.com/2016/04/21/queer-fragility/>

2 Verse from the poem “Nostos” by Louise Glück (2012), *Poems 1962-2012*, Farrar, Straus and Giroux.

sismógrafo

Quarta-feira a Sábado / Wednesday to Saturday 15:00–19:00. Rua do Heroísmo 31B. Porto, Portugal / www.sismografo.org

Texto/Text: Catarina Botelho

Tradução e edição / Translation and copy-editing:
Susana Camanho

Produção/Production: Carolina Figueiro, Pedro Huet

Montagem/Assembly: Carolina Figueiro,
João Pedro Trindade, Pedro Huet, Pedro Tavares

Design: Mlacedo Cannatà

Programa Público / Public Program: Leticia Costelha
Cartaz/Poster: Rodrigo Neto (Oficina Atalaia)

Agradecimentos da artista / Artist's

acknowledgments: Maria do Carmo Senra,
Francisca Senra, José Senra, Alexandra Rafael,
Catarina Botelho, Dário Cannatà, Joana Hintze,
Luísa Abreu, Teresa Arêde, Querides Sismógrafes

Sismógrafo tem o apoio de / has the support:



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA



dgARTES
DIREÇÃO-GERAL
DAS ARTES



rpac
rede portuguesa
de artes contemporâneas

Apoio Criatório



CIN

Artworks